

## Os Antepassados Vivem

Por Nathalia Azevedo de Paula

Vivemos numa nova era.

O silenciamento perpetuado sobre os que aqui viveram séculos atrás, hoje finalmente vem perdendo força para uma voz que ruge por seu espaço, antes mutilado.

Decerto a luta é árdua e por vezes parece assistir um retrocesso, porém, a arte é uma aliada dos que são alvos das constantes tentativas de apagamento e esquecimento.

Márcia Wayna Kambeba evoca muitos costumes de seu povo no poema intitulado Ancestralidade<sup>1</sup>, datado de 2018:

## Ancestralidade

Eu venho da grande floresta, Do rio, minha festa, quero a vida cantar.

> Nosso grito na cidade ecoou, O canto dos povos estrondou, Guerreiros aguerridos, Vem vindo para se unir.

Na terra o sangue banhou, Uma nova geração levantou, Com garra e coragem, Luta e canta sua nação.

Revive o que de fato é seu, A cultura desses povos não morreu, Na pele grande tela, O grafismo é nossa voz.

Na pena um significado singular,

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Revista *Poesia Indígena Hoje*, p. 99, edição de número 1, agosto de 2020. Versão digital: <<u>p-o-e-s-i-a.org>.</u>

















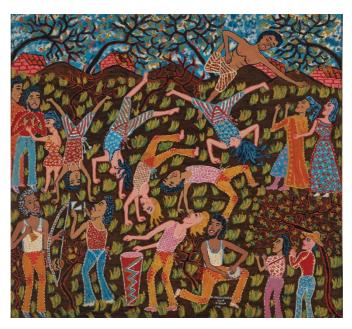
A liberdade que se tem Como pássaro a voar.

A ancestralidade pede paz, Ela é a força da identidade, Na aldeia ou na cidade, Nossa uka não se desfaz.

(Do livro O lugar do saber, Olma, 2018)

Kambeba rememora a ancestralidade indígena suscitando no leitor uma atmosfera imagética muito persuasiva: traz a mãe natureza, seu povo guerreiro, os corpos sob cores, deixando claro que um indígena não se faz somente na mata, mas em meio à poluição do cotidiano urbano também.

Esta presente reflexão não tem o intuito de associar ou comparar o poema de Kambeba com qualquer outra obra, entretanto, ao lê-lo, percebi que o sentimento identitário que a artista apresenta, também pode ser visto na pintura *Capoeira*<sup>2</sup>, de Maria Auxiliadora da Silva, datada de 1970.



Maria Auxiliadora da SILVA. *Capoeira*, 1970. Técnica mista sobre tela, 69,5 cm x 75 cm x 1,5 cm. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo, Brasil.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> A tela pertence ao acervo do MASP: <<u>masp.org.br/acervo/obra/capoeira#!</u>>.



lbxxi.org.br















Trazendo a identidade do povo afro-brasileiro, Auxiliadora também acentua a ancestralidade que lhe é sua. Já no título da obra, a artista nos remete ao imaginário dos jogos da capoeira, séculos atrás proibidos, numa tentativa agressiva de enclausuramento da cultura negra – além do termo ter sido utilizado para denotar a mata do interior do Brasil, utilizada para a agricultura dos povos indígenas, sendo também cenário de fuga dos negros escravizados. Todavia, a artista mostra a alegria de sua gente que, assim como os de origem indígena, tem respeito à terra, à mata, à natureza, permitindo que seus corpos manifestem o divino através da música e da dança.

No campo visual, ambas as obras enfatizam a cor, que parece ter vida por si própria. Márcia Kambeba cita "Na pele grande tela,/ O grafismo é nossa voz" e Maria Auxiliadora apresenta os corpos do quadro com vestes muito coloridas e contornadas semelhante à técnica do pontilhismo.

As duas obras trazem sons e movimentos, carregam histórias e mobilizam suas raízes culturais. Mesmo sendo de etnias distintas, mostram a busca por essa narrativa que se perpetua de geração para geração e que tem como objetivo fortalecer sua base cultural frente aos constantes ataques diários.

Uma intersecção entre obras. Um ponto de contato. Os antepassados vivem.













